

Tempo, criança e governamentalidade: uma reflexão genealógica dos sentidos da infância vinculados a assunção de riscos¹

Alexandro Uguccioni ROMÃO²

Cláudia Linhares SANZ³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Esse ensaio propõe a suspensão de “verdades” produzidas em enunciados veiculados na mídia sobre a infância. Opera-se uma reflexão genealógica relacionando temporalmente significados atribuídos à infância e formas de ser criança, a partir do contexto histórico-cultural da noção de infância e de saberes-poderes vinculados a assunção de riscos na condução infantil. Fundamenta-se o trabalho a partir dos conceitos de Risco pela perspectiva da Governamentalidade, Poder Disciplinar e Biopoder. Percebe-se transições temporais nos significados da infância e modos de ser criança ligados a assunção de riscos na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; infância; riscos; corpo; subjetividades.

INTRODUÇÃO

“Que que é a criança competente, mesmo, né? Que assim, que de fato consegue lidar melhor com os riscos? É aquela criança que passa por eles!”⁴

Laís Fleury, 2018

Meus Queridos Filhos, a inexperiência e o descuido natural na vossa idade expõe-vos a muitos perigos: [...] Quando os vossos pais desejam que não subam às cadeiras, [...] não é porque desejem impedir-vos de se divertirem; estão apenas ansiosos por vos impedir de vos prejudicar.

The Accidents of Youth (1819)

¹ Trabalho apresentado no GP15 Estéticas, Políticas do Corpo e Interceccionalidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, orientando da Professora Doutora Cláudia Linhares Sanz. e-mail: romao.mkt@gmail.com

³ Professora e pesquisadora da Universidade de Brasília. e-mail: claudialinharessanz@gmail.com

⁴ Comentário vídeo “Pílulas | Quando o risco vale a pena” publicado no Youtube, no perfil do Instituto Alana. Disponível em: <https://youtu.be/DCULd07RzpQ> Acessado em 21 mai. 2024.

“Superproteção dos pais pode diminuir expectativa de vida dos filhos, mostra estudo” é o título da matéria veiculada no portal O Globo⁵. Segundo a publicação, pesquisas demonstram que as relações parentais intrusivas retiram da criança a sua autonomia e podem ocasionar diversos prejuízos, desde hábitos não saudáveis até questões psicológicas associadas à diminuição de longevidade. Essa matéria é um dos anunciados presentes na mídia, que fornece estopo à discussão acerca das formas de condução da criança, do seu corpo e de sua subjetividade, nesse caso, condenando a superproteção parental. Nesse cenário, a proliferação de discursos sobre a fase inicial da vida, as variadas expectativas depositadas socialmente na criança, assim como as diversas práticas pelas quais os corpos e mentes infantis são submetidos, podem fornecer condições de possibilidade para a produção dos significados da infância. Contudo então, no que se refere a esse contexto, como se produzem os arranjos que configuram deslocamentos nos sentidos da infância e nas formas de ser criança? No meio entre “a criança competente, que consegue lidar melhor com os riscos” e a criança “naturalmente descuidada e inexperiente, impedida de se expor ao perigo”, como a governamentalidade atua e que relação de poder justifica a emergência dessas discontinuidades históricas? A prática pedagógica de expor a criança aos riscos seria um fenômeno da atualidade, no sentido de conceber a noção de risco como natural e inerente a vida contemporânea?

Esse trabalho observa, pela perspectiva genealógica, discursos e práticas propagados pelos aparatos midiáticos sobre os sentidos da infância e as redes de saberes-poderes que envolvem esse tema. Para isso, na intenção de pensar sobre os significados atrelados a criança, no presente, entende-se a necessidade de realizar um procedimento genealógico sobre a vinculação da infância e a assunção de riscos. Opta-se por indagar essa relação em contraste com enunciados produzidos na modernidade no período entre o século XIX e início do século XX, na tentativa de refletir como a ideia de infância vinculada aos riscos se forma em meio as relações de poder. A suspensão das “verdades” sobre o tema é necessária para fazer estranhar os sentidos e modos de ser criança atrelados a assunção de riscos, produzidos e naturalizados no presente. Assim, a oposição entre as práticas e anunciados do passado, circunscritas na modernidade e aquelas adotadas hoje, pode visibilizar pontos importantes sobre os deslocamentos nos sentidos da infância.

⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/02/superprotecao-dos-pais-pode-diminuir-expectativa-de-vida-dos-filhos-mostra-estudo-entenda.ghtml>, último acesso 13/06/2024.

Dessa forma, problematiza-se discursos e práticas relacionadas a infância que se vinculam em dimensões singulares com o incentivo a assunção de riscos e seus efeitos na imagem da criança na atualidade. Analisa-se os anunciados que circulam nos meios de comunicação, nas redes sociais, na literatura, nas plataformas de vídeos, nas políticas de proteção da criança etc. Destacam-se nesse ensaio, duas formas principais de conceber a análise sobre a noção da infância e, assim, levar adiante nossa reflexão: de um lado, a assunção de riscos como oportunidade, investigando como o incentivo dado à criança para se expor aos riscos configura novas significações à infância. De outro lado, o risco como ameaça, analisando como a preparação e antecipação da criança diante do risco configura deslocamentos nas formas de ser criança. Por esse arranjo, indagamos: como as transições nos sentidos da infância se relacionam com os dispositivos de poder e com as práticas que envolvem os corpos e mentes infantis? Para responder a esse problema, lançamos mão dos conceitos de Poder Disciplinar, Biopoder, Sociedade de Controle e a noção de Risco pela perspectiva da Governamentalidade, refletindo sobre os enunciados midiáticos que possibilitam visualizar deslocamentos na imagem da infância.

“NINGUÉM SE DESENVOLVE SE ISOLANDO DE RISCO”

Em um momento do filme “Quando o risco vale a pena⁶”, enquanto, Laís Fleury, uma das especialistas, dispara sua fala: “O que é a criança competente, mesmo? Que de fato consegue lidar melhor com os riscos? É aquela criança que passa por eles!”, apresenta-se a imagem de uma criança segurando um martelo na mão, observando um pedaço de madeira e, na sequência, martelando um prego em uma tábua, sem deixar claro se é um brinquedo ou talvez um carrinho de rolimã. Em outro instante do vídeo, na medida que ocorre a fala do especialista Richard Louv: “Se queremos que cresçam e virem adultos resilientes e estejam seguros, eles têm que correr riscos na infância”, são exibidas imagens de crianças manipulando pequenos insetos com as mãos. Em outra fala, Bebel Barros orienta, que quando houver questionamentos da criança em relação aos desafios da vida, o adulto deve ir “ajudando ela a construir esse repertório de avaliação de riscos em relação a sua própria segurança”, ao mesmo tempo que se pode visualizar imagens de crianças subindo em uma árvore.

⁶ Disponível em: <https://youtu.be/DCULd07RzpQ> Acessado em 19 abr. 2024.

Em 1996, o relatório produzido para a UNESCO⁷ sobre a educação para o século XXI, apresentou quatro aprendizagens fundamentais para os indivíduos desde a infância que chamou de “Os Quatro Pilares da Educação”, sendo eles: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; e aprender a ser. O relatório evidencia que cabe a educação fornecer um mapa para navegar em um mundo complexo e em mudança. Uma dessas transformações do mundo, especificamente o mundo do trabalho, é a valorização da noção de competência em detrimento da noção de qualificação tratado no pilar “aprender a fazer”. Segundo o documento (UNESCO, p. 94):

Os empregadores substituem, cada vez mais, a exigência de uma qualificação ainda muito ligada, a seu ver, à idéia de competência material, pela exigência de uma competência que se apresenta como uma espécie de coquetel individual, combinando a qualificação, em sentido estrito, adquirida pela formação técnica e profissional, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe, a capacidade de iniciativa, o gosto pelo risco.

O relatório destaca que as novas exigências dos dirigentes empresariais para empregar os trabalhadores são aquelas que buscam o compromisso do trabalhador e que este se coloque como um agente de mudança. A comissão do relatório sublinha que a educação deve se ligar aos diversos aspectos da aprendizagem na composição da competência exigida entre as qualificações muito subjetivas do saber-fazer e aquelas novas qualidades valorizadas do saber-ser como o gosto pelo risco, capacidade de comunicação, resolução e gerenciamento de conflitos. O relatório aponta que a mudança da valorização da competência no lugar da qualificação se adequa às necessidades do desenvolvimento do setor de serviços e das transformações do modo de produção das indústrias.

“O fim do risco zero na infância?⁸” esse é o título do artigo no The Guardian do acadêmico e consultor sobre infância Tim Gill publicado no dia 3 julho de 2011. A indagação no título se refere a declaração da ex-presidente do Executivo de Saúde e Segurança do Reino Unido, Judith Hackitt, que disse que "a crescente cultura da aversão ao risco ameaça a preparação das crianças para a vida adulta". O artigo alega que nas décadas de 1980 e 1990 houve um cuidado exagerado com a segurança das crianças vistas como frágeis e estúpidas subestimando-se a capacidade infantil de aprender com os

⁷ EDUCAÇÃO UM TESOURO A DESCOBRIR. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Disponível em: www.encurtador.com.br/jktEH acesso em 26 de out de 2021.

⁸ Tim Gill. The end of zero risk in childhood? Disponível em: www.encurtador.com.br/cnqz2 acessado em 25 de out de 2021.

próprios erros. A superproteção é chamada de lógica do risco zero pelo autor do artigo Tim Gill e que anos depois começou-se a notar as falhas dessa lógica de proteção das crianças e que seria então necessária “a rejeição total da filosofia de proteção. Em seu lugar, o que precisamos adotar é uma filosofia de resiliência que realmente abraça o risco, a incerteza e o desafio real - até mesmo o perigo real - como ingredientes essenciais de uma infância completa”.

As três imagens acima formam uma rede na qual se coagula uma ideia central e outras adjacentes. A ideia principal que emerge pode ser resumida pela frase do educador instrutor de educação ao ar livre, Fabio Raimo: “Ninguém se desenvolve se isolando de riscos⁹”. Já as ideias adjacentes orbitam nos sentidos dos termos: “correr riscos”, “avaliação de riscos”, “gosto pelos riscos”, “crianças competentes”, “filosofia de resiliência”, “incerteza”, entre outros. A presença dessas ideias gera o interesse de realizar o exercício de suspender a produção dos enunciados descritos e o sentido que eles produzem para a relação entre a noção de infância vinculada a assunção de riscos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, nesse trabalho, problematizar enunciados que emergem e atualizam a relação entre a imagem da infância e o risco. Assim como, observar as formas de subjetivação que esses discursos produzem quanto ao sentido de ser criança. Pensou-se temporalmente as alterações na significação da infância e assunção de risco no que diz respeito ao presente, em contraponto com a perspectiva moderna. Dito isso, interessou-se em verificar o que a luz que ilumina os enunciados aqui analisados deixa ver sobre as formas de lidar com o risco como uma tecnologia de conduzir a infância na atualidade.

Os enunciados analisados fazem ver a infância como um tempo de aprendizados sobre a vida. As publicações vinculam certas práticas e brincadeiras ao público infantil em meio ao contato com a natureza e faz emergir o sentido de que a conduta de excessiva proteção, faz com que as crianças não se desenvolvam plenamente para enfrentar o futuro. Diante desse problema, essa rede de significados faz circular a ideia de que a melhor forma de conduzir a infância é diminuir a proteção e fazer com que as crianças corram

⁹ Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/inspiracoes/serie-inspiracoes-crianca-e-natureza/> acessado em 25 de out de 2021.

riscos, mesmo que elas estejam expostas a certos perigos. Trata-se da ideia de aprender a fazer e aprender a ser de forma que as competências de gostar de risco e lidar com as incertezas da vida sejam desenvolvidas nas crianças ou pelo outro lado, que ao passarem pelos riscos, as crianças não sejam impactadas de maneira negativa, tornando-se crianças resilientes.

Segundo Dardot e Laval (2016 p. 327) a racionalidade neoliberal, produz o sujeito de que necessita e ordena “os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos”. Na era neoliberal, o “governo de si empresarial” se engendra na subjetividade infantil de maneira a produzir novas formas de lidar com o risco. Por mais, que subir em árvores e brincar ao ar livre junto a natureza não pareça ameaçador e talvez nem esteja dentro de um conjunto de noções do que possa nomear de perigo, chama atenção os termos utilizados que são do universo empresarial para explicar uma certa prática pedagógica a partir da noção de risco. Pelo que observamos, isso ocorre, pelos enunciados e práticas carregadas pela racionalidade neoliberal, produzindo um sentido para a infância atrelado a uma subjetividade empreendedora na qual a criança transita como um empresário de si, em que deve desenvolver a competência de avaliar riscos na chave entre ameaças e oportunidades.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Juarez J. T. dos. **Apontamentos sobre o testemunho infantil na historiografia da Educação** (Brasil, Séculos 19 e 20). Cadernos De História Da Educação, 20 (Contínua), e024. 2021.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. - 2.ed.- [Reimpr.]. - Rio de Janeiro: LTC, 2014.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco Mundial** - Em Busca da Segurança Perdida. Trad. Marian Toldy, Teresa Toldy. - 1ª ed. - Lisboa: Edições 70, 2015.

BRAGA, Douglas. **A infância como objeto da história um balanço historiográfico**. Revista Angelus Novus. USP – Ano VI, n. 10, p. 15-40, 2015.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Trad. Mariana Echalar. -1ª. Ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

BECCHI, Egle. Retórica de infância. In: **A modernidade, a infância e o brincar**. Tradução de Ana Gomes. Perspectiva, Florianópolis, UFSC/CED, NUP, v.12, n.22, 1994. p.63-95

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a

_____. **O nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b

HENRIQUES, Helder M. G. VILHENA, Carla Cardoso. **A preservação da infância**: análise de discursos sobre a criança em perigo moral (portugal, 1910-1916). Educação em Revista. Belo Horizonte v.31 n.02 p. 61-81 Abril-Junho 2015

PESSOA, Gláucia Tomaz de Aquino. **Escola Correccional Quinze de Novembro**. 2018. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/573-escola-correccional-quinze-de-novembro> acesso em 25 out de 2021.

RIZZINI, Irma; GONDRA, José Gonçalves. **Higiene, tipologia da infância e institucionalização da criança pobre no Brasil (1875-1899)**. Revista Brasileira de Educação v. 19 n. 58 jul.-set. 2014

SANZ, Cláudia Linhares, SOUZA, Lídice e FERREIRA, Tiago. **Educação e Tecnologias da imagem**: novas partilhas do olhar In: SANTOS, Gilberto & VERSUTII, Andrea (org.). Educação, Tecnologia e Comunicação. Brasília: Viva Editora, 2018. p. 80-105.

SAPIENZA, Graziela; PEDROMÔNICO, Márcia Regina Marcondes. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 2, p. 209-216, 2005.

TAYLOR-GOOBY, Peter; ZINN, Jens. The current significance of risk. In: TAYLOR-GOOBY, Peter; ZINN, Jens (eds.). **Risk on social science**. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 1-19.

THE ACCIDENTS of youth. London: Jas. W. and Chas. Adlard, 1819. I-IIp.